

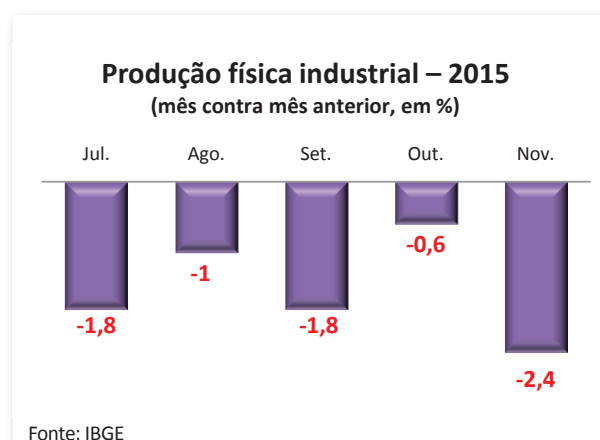
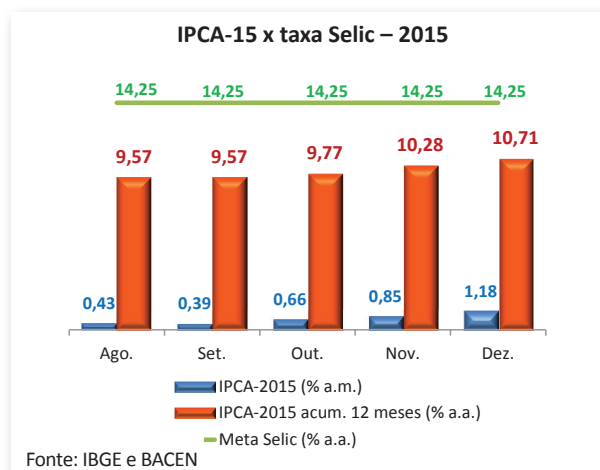
Expectativas do Mercado

Confirmado previsões anteriores, o Federal Reserve (Banco Central dos Estados Unidos), em sua última reunião de 2015, elevou a taxa básica de juros, no piso histórico desde 2008, para entre 0,25% e 0,50%. O Comitê de Política Monetária do banco aprovou o aumento, por entender que houve melhora considerável nas condições de trabalho e que a inflação atingirá, no médio prazo, a meta de 2% ao ano (a.a.). Com isso, analistas acreditam que poderá haver turbulências em mercados emergentes, principalmente no Brasil, por este ter perdido, recentemente, o grau de investimento (selo de bom pagador) pela Standard & Poor's (setembro/2015) e pela Fitch Ratings (dezembro/2015).

No sentido oposto, o Banco Central Europeu (BCE), em dezembro de 2015, reduziu a taxa de juros, preocupado com a baixa inflação. Tal preocupação era procedente, pois a Zona do Euro (ZE) fechou 2015 com inflação de 0,2%, em dezembro. A economia da região continua recuperando-se lentamente, com o Produto Interno Bruto (PIB), no terceiro trimestre, tendo registrado aumento de 0,3% sobre o trimestre anterior.

Segundo declarações do primeiro ministro da China, o PIB chinês cresceu cerca de 7% em 2015, atingindo US\$ 10 trilhões – menor crescimento dos últimos 25 anos. O consumo teria respondido por 60% deste crescimento, sendo que o setor de serviços representa cerca da metade do PIB do país.

No Brasil, a situação fiscal continua desafiadora, considerando-se a fraca atividade econômica, a perspectiva de diminuição das receitas do governo e o aumento dos gastos. O dólar valorizou-se quase 50% frente ao real, em 2015, e a moeda brasileira deverá continuar pressionada, em função das incertezas externas e internas. Os fundamentos econômicos indicam que a recessão se prolongará em 2016.



Assim, as expectativas de agentes do mercado financeiro – Boletim Focus, do Banco Central do Brasil (BCB), de 15 de janeiro de 2016 – são de que o PIB de 2015 tenha registrado queda de 3,75%, continuando negativo em 2016 (-2,99%). A inflação de 2016, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), deverá ficar em 7%, menor que em 2015, mas, ainda assim, acima do teto da meta (6,5%). O câmbio segue se desvalorizando até 2020.

Expectativas do mercado

	Unidade de Medida	2015	2016	2017	2018	2019	2020
PIB	% a.a. no ano	-3,75	-2,99	1,00	1,50	2,00	nd
IPCA	% a.a. no ano	10,67*	7,00	5,40	5,00	4,50	4,50
Taxa Selic	% a.a. em dez.	14,25*	15,25	12,75	11,00	11,00	10,00
Taxa de câmbio	R\$/US\$ em dez.	3,90*	4,25	4,30	4,31	4,35	4,55

Fonte: Banco Central do Brasil – Boletim Focus (15/01/2016).

Nota: * Dados consolidados/fechados.

Obs.: nd = não disponível.

Confira os últimos estudos/pesquisas da Unidade de Gestão Estratégica (UGE):

- Os donos de negócio no Brasil: análise por grau de informatização, faixa de renda e escolaridade;
- Índice de Confiança dos Pequenos Negócios – relatórios especiais por Unidade da Federação (UF).

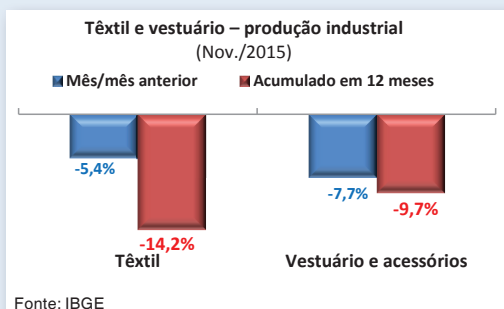
Acesse esses e outros estudos e pesquisas, clicando [aqui](#).

Notícias Setoriais

Comércio Varejista

Em novembro de 2015, o volume de vendas do comércio varejista cresceu 1,5% sobre o mês anterior, enquanto a receita nominal registrou alta maior, de 2,3%, após o ajuste sazonal. Porém, no comparativo com novembro de 2014, sem o ajuste sazonal, constata-se queda de 7,8% no volume de vendas e alta de 1,4% na receita nominal. No acumulado do ano até novembro, a retração no volume de vendas foi de 4%, mas a receita nominal subiu 3,3%, frente ao mesmo período de 2014. Os segmentos de móveis e eletrodomésticos e de livros, jornais, revistas e papelaria foram os que mais impactaram negativamente o desempenho das vendas do varejo, no acumulado de 2015 até novembro (-13,5% e -10,4%, respectivamente). A situação tende a se agravar, com a perda do poder aquisitivo da população.

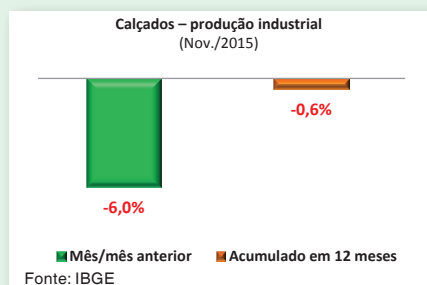
Têxtil e Vestuário



A produção da indústria têxtil, em novembro de 2015, registrou queda de 5,4%, e a de vestuário e acessórios, de 7,7% sobre o mês anterior. Nos últimos 12 meses, a produção de têxteis acumulou retração de 14,2%, e a de vestuários, de 9,7%. Em 2015, as exportações de vestuário e acessórios diminuíram 12,1% frente às de 2014, e as importações, 7,9%. Assim, a balança comercial desse segmento fechou 2015 com um saldo negativo de US\$ 2,56 bilhões. O setor tem sofrido com o encarecimento dos custos de produção e com o acirramento da concorrência com produtos chineses, obrigando os empresários a reverem suas estratégias para manter suas atividades.

Calçados

A produção brasileira de calçados apresentou retração de 6% em novembro de 2015 sobre o mês anterior, e acumulou queda de 0,6% nos últimos 12 meses até novembro. O saldo da balança comercial do setor, em 2015, foi de US\$ 479,3 milhões, com as exportações atingindo US\$ 960 milhões, 10% abaixo da registrada em 2014, apesar do câmbio favorável. Os Estados Unidos continuaram como principal destino, respondendo por 18,1% do total exportado, em dólares. A indústria calçadista, que exporta cerca de 15% de sua produção, tende a continuar registrando queda na produção, em face da atual crise econômica.

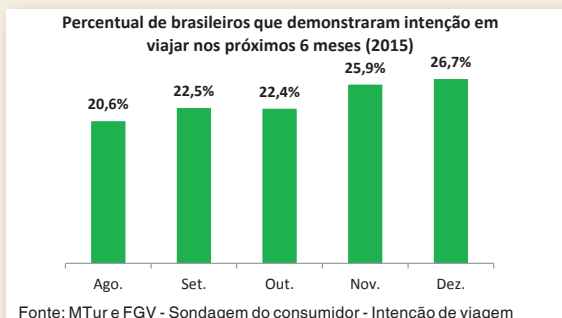


Móveis

A fabricação de móveis registrou alta de 1,8%, em novembro de 2015, frente ao mês anterior, mas acumulou retração de 1,9% nos últimos 12 meses, até novembro. Como o cenário econômico mantém-se desfavorável a investimentos, em função das elevadas taxas de juros e restrições ao crédito, por exemplo, é esperado que as vendas internas continuem a apresentar pouco dinamismo nos próximos meses. O setor também vem apresentando resultados negativos no mercado externo, tendo acumulado, em 2015, *deficit* de US\$ 132,9 milhões no saldo comercial. No entanto, espera-se aumento das exportações, favorecidas pela desvalorização cambial, o que pode minimizar o impacto da retração do setor do mercado doméstico.

Turismo

Segundo a “Sondagem do consumidor: intenção de viagem”, do Ministério do Turismo (MTur), em dezembro/2015, 26,7% dos brasileiros demonstraram intenção de viajar nos próximos seis meses (em dezembro de 2014, eram 34,9%), sendo que, destes, 86,4% prefeririam viajar dentro do país. A desvalorização cambial, certamente, tem sido o principal fator motivador desse resultado. Casas de parentes e/ou amigos desfrutaram agora da preferência dos turistas brasileiros (41,3%) em vez de pousadas e hotéis. O percentual de turistas interessados em usar o avião igualou-se com o de turistas que preferem o uso do automóvel (38,8%). A região Nordeste continua sendo a preferida dos turistas (36,9%), seguida de perto pela região Sudeste (36,8%).



Artigo do mês

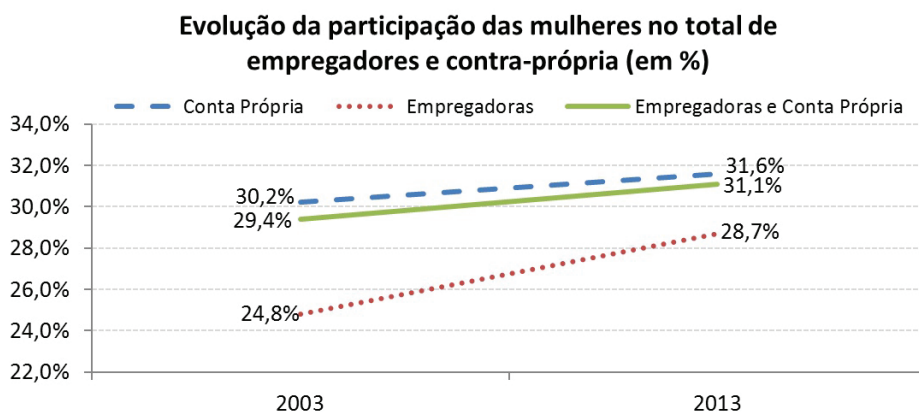
A evolução das mulheres no mercado de trabalho – I

Paulo Jorge de Paiva Fonseca

Economista e analista da UGE do Sebrae Nacional

As mulheres vêm se destacando cada vez mais no mercado de trabalho brasileiro. Segundo o estudo intitulado “**Anuário das Mulheres Empreendedoras e Trabalhadoras nas Micro e Pequenas Empresas 2014-2015**”, elaborado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), em parceria com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), o número de mulheres ocupadas cresceu 22,8%, de 2003 a 2013, atingindo 41,1 milhões (42,5% do total de ocupados no país). Parcela expressiva destas mulheres está ocupada na condição de empregadora¹ e conta-própria² (7,3 milhões, ou seja, 17,8% do total de ocupadas).

De 2003 a 2013, a quantidade de empregadoras cresceu mais do que a quantidade de conta-própria (23,5% contra 15,3%), ressaltando-se, porém, que a quantidade de conta-própria (6,3 milhões) supera em mais de seis vezes a de empregadoras (1 milhão). Com isso, a participação das mulheres no total de empregadores aumentou no período de 2003 a 2013, saindo de 24,8% (2003) para 28,7% (2013).



Fonte: Pnad/IBGE.

A maioria das mulheres empregadoras e conta-própria (71,5%) atua nos setores de serviços e comércio, enquanto menos da metade dos homens (46,7%) concentra-se nestes dois setores.

A proporção de mulheres jovens (até 39 anos) empregadoras supera a de homens jovens (mulheres: 39,1% e homens: 36,1%). Situação semelhante ocorre entre as mulheres e os homens jovens que são conta-própria (mulheres: 41,1% e homens: 37,5%). Além de mais jovens que os homens, as mulheres empreendedoras (empregadoras e conta-própria) também são mais escolarizadas: 53,8% delas têm nível superior, enquanto, em relação aos homens, este percentual é de 41,7%.

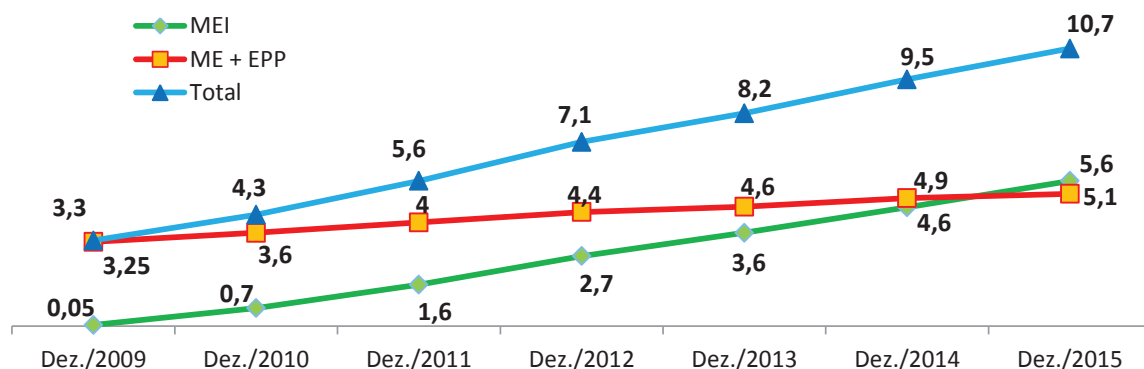
O estudo está disponível no portal do Sebrae. Para acessá-lo, clique [aqui](#).

1 Pessoa que trabalha explorando o seu próprio empreendimento, com pelo menos um empregado

2 Pessoa que trabalha explorando o seu próprio empreendimento, sozinha ou com sócio, sem ter empregado, ainda que contando com ajuda de um trabalhador não remunerado

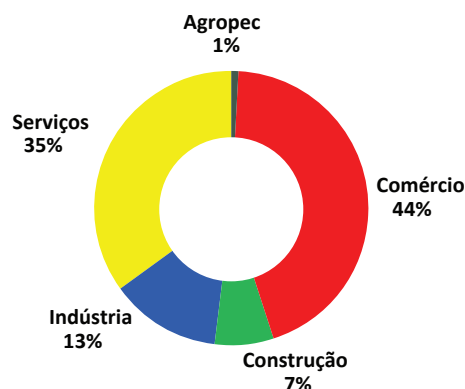
Pequenos Negócios no Brasil

**Evolução dos optantes pelo Simples Nacional
(em milhões)**

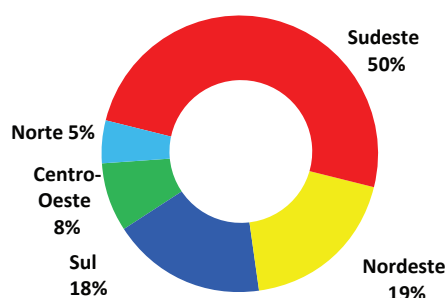


Fonte: Receita Federal do Brasil (RFB).

Concentração por Setor



Concentração por Região



Fonte: Secretaria da Receita Federal do Brasil (RFB) – dezembro/2015

Estatísticas dos Pequenos Negócios

Participação dos pequenos negócios na economia	Período	Participação (%)	Fonte
PIB brasileiro	2011	27,0	Sebrae/FGV
Número de empresas exportadoras	2014	59,4	Funcex
Valor das exportações	2014	0,82	Funcex
Massa de salários das empresas	2013	41,4	Rais/MTE
Total de empregos com carteira	2013	52,1	Rais/MTE
Total de empresas privadas	2015	98,2	Sebrae
Outros dados sobre os pequenos negócios	Período	Total	Fonte
Quantidade de produtores rurais	2013	4,2 milhões	Pnad/IBGE
Potenciais empresários com negócio	2013	13,2 milhões	Pnad/IBGE
Empregados com carteira assinada	2013	17,0 milhões	Rais/MTE
Remuneração média real nas MPes	2013	R\$ 1.485,00	Rais/MTE
Massa de salário real dos empregados nas MPes	2013	R\$ 24,4 bilhões	Rais/MTE
Número de empresas exportadoras	2013	10,9 mil	Funcex
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2014	US\$ 2 bilhões	Funcex
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2014	US\$ 179,4 mil	Funcex

Obs.:

- 1. Microempreendedor individual (MEI):** receita bruta anual de até R\$ 60 mil.
- 2. Microempresa (ME):** receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEIs.
- 3. Empresa de Pequeno Porte (EPP):** receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.